COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Duas comédias de Molière

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Duas comédias de Molière", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 221-227.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

107
DUAS COMÉDIAS DE MOLIÈRE

VAMOS hoje falar de Molière. E não é nada fácil falar de Molière. Agora mesmo, ao reler algumas das suas obras, mais uma vez me apercebi dessa dificuldade. Trata-se da dificuldade do que parece simples, e é afinal extremamente complexo; do que é na verdade universal, sem deixar de ser particular e, neste caso, particularmente francês; do que chega a afigurar-se demasiado óbvio, demasiado evidente, mas que só foi capaz de ser captado, nos seus mínimos matizes, por um génio de penetração e de subtileza.

Um dia, Boileau — aquele Boileau de quem aqui falámos na última emissão — foi interrogado por Luís XIV, que desejava saber qual tinha sido o maior autor do seu reinado. E Boileau — que estamos novamente a ver agora — respondeu, sem hesitar: «Molière, senhor.» Então, Luís XIV, soberanamente mas com uma tocante modéstia que lhe fica muito bem, retorquiu: «Por minha fé que não o imaginaria. Mas vós sois, sem dúvida, melhor juiz do que eu em tal matéria.»

Esta historieta faz-me lembrar um caso — incomparavelmente mais corriqueiro — que ocorreu comigo em tempos que lá vão. Há um quarto de século (foi logo depois da guerra) segui um curso na Sorbonne, reservado a estudantes estrangeiros, e cujo «prato de resistência», nesse ano, era justamente a obra de Molière. Havia no curso raparigas e rapazes de várias nacionalidades: americanos, italianos, australianos, ingleses, holandeses, belgas, suecos, checos, húngaros, romenos... E sentíamo-nos todos muito decepcionados: de quem nós queríamos ouvir falar era de Sartre, de Camus, de Éluard, de Aragon, de Saint-Exupéry, de Vercors... Um dia pusemos o caso a um dos nossos professores. Então, ele respondeu-nos mais ou menos isto: «Tenham calma. De Molière nunca se hão-de cansar... E hão-de apreciá-lo cada vez mais, à medida que o tempo passe.»

Não sei o que terá acontecido com esses meus episódicos colegas do após-guerra. Mas, comigo, a profecia saiu certa: nunca vim a cansar-me de Molière... Nem de Racine — outro «prato de resistência» do curso e de quem aqui falaremos proximamente. Aliás, tanto Molière como Racine, tanto La Fontaine como Boileau são semelhantes àqueles grandes vinhos franceses — que ganham imenso com a passagem do tempo... Só com esta diferença: ao contrário dos vinhos, esses autores não envelhecem. Não são eles que envelhecem. Somos nós...

Mas até é bom envelhecer — quando isso afinal se traduz numa melhor compreensão de autores como Molière. E tratemos, desde já, de ver o seu rosto, a doçura e a gravidade do seu rosto, em tão flagrante contradição com a comicidade de muitas das figuras que criou. Autor e actor (aqui o vemos no desempenho de uma das suas criações), foi um homem bom, bastante infeliz — e muito caluniado. Nasceu em Paris, em 1622, e a atmosfera de Paris marcou-o, de modo decisivo, mostrando-se profundamente parisiense em quase tudo o que escreveu, embora tenha passado uma boa parte da sua vida em constantes *tournées* por várias cidades da França — até vir a obter, para si e para a sua trupe, a protecção directa da corte (o que não lhe trouxe — bem longe disso! — qualquer espécie de imunidade). Em 1673 (aí temos um centenário à porta), com cinquenta e um anos de idade, morre Molière, poucas horas depois de ter tido uma hemoptise, em cena, enquanto representava a sua última obra-prima, paradoxalmente intitulada *O Doente Imaginário*. E foi nesta cadeira que o «doente imaginário», sobre o palco, se tornou, na realidade, um «doente a sério», que a morte veio fulminar pouco depois. Mas as obras que ele deixou garantiram-lhe a imortalidade e creditaram-no definitivamente como um dos maiores comediógrafos — talvez o maior — de todos os tempos.

Dessa obra que simultaneamente participa — tal como a de Gil Vicente, tal como a de Shakespeare — do mundo colectivo do teatro (eis uma representação de *O Doente Imaginário*) e do mundo individual da poesia — da poesia propriamente considerada como expressão de sentimentos pessoais —, dessa obra, dizia eu, iremos apenas escolher hoje dois exemplos. O primeiro iremos buscá-lo à comédia *Tartufo*, apresentada pela primeira vez em 1664 — e cuja presença, actualmente, num cartaz de Lisboa, constitui o melhor indício da sua actualidade... Trata-se, como muita gente sabe, de um terrível ataque à hipocrisia dos falsos devotos (ou à impostura de certos hipócritas) e levantou, na altura, os maiores problemas ao seu autor. O trecho que escolhemos, do III Acto, é o da declaração do hipócrita protagonista — o Tartufo — a Elmira, a mulher do dono da casa que o abriga e considera quase um santo:

TARTUFO

O amor que nos conduz às coisas imortais
Não mata em nós o amor às coisas temporais.
As nossas sensações podem ser empolgadas
Por essas perfeições que são por Deus criadas.
Uma atracção do céu em vosso encanto brilha,
Reproduzindo em vós sua própria maravilha;
Espalhou-vos no rosto uma tal sedução
Que os olhos embevece e eleva o coração;

E não vos pude ver, oh perfeita beleza,
Sem adorar em vós o Pai da Natureza,
E de um ardente amor sentir a chama ardente
Que diante do Criador e da criação se sente.
A princípio pensei que um afecto tão terno
Poderia provir do Príncipe do Inferno;
Porque pensei assim, tentei vos evitar,
Sem ver que apenas vós me podíeis salvar.
Afinal percebi, oh criatura preciosa!,
Que tão grande paixão não é pecaminosa;
Que eu podia ajustá-la ao recato, ao pudor,
E foi somente assim que libertei o amor.
Confesso-vos, senhora, é grande atrevimento
Fazer do meu amor um oferecimento,
Mas tudo, tudo espero ante a vossa bondade,
Que possa minorar a minha enfermidade.
Sois a minha esperança, o meu bem, a quietude,
Tudo está em vossas mãos: castigo ou beatitude.
Pela vossa sentença afinal me fareis
Feliz, se vos agrada: infeliz, se o quereis.

ELMIRA

Vossa declaração, na verdade, é galante,
Mas devo confessar que surpreende bastante.
Devíeis escudar o vosso coração
E reflectir melhor sobre a vossa intenção.
Um devoto, afinal, gozando tanta fama...

TARTUFO

Devoto, sim... Porém devoto também ama.
E quando alcança ver vossa graça divina
O coração se exalta e não raciocina.
Tudo que confessei pode causar espanto;
Mas afinal, senhora, eu não sou nenhum santo;
E se assim condenais a minha confissão,
Condenareis também a vossa sedução.
Desde quando vos vi a graça sobre-humana
Do íntimo do meu ser vós fostes soberana.
Desse olhar estonteante a inefável doçura

Forçou a resistência à minha alma tão pura,
Suplantou os jejuns, as rezas, os soluços,
E a vossos pés lançou-me, assim, sem mais rebuços.
Mil vezes em silêncio o disse o meu olhar:
Para explicar melhor ouso agora falar.
Dignai-vos compreender, com vossa alma benigna,
Todas tribulações desta pessoa indigna.
Se a vossa compaixão puder me consolar,
Se a este nada que eu sou vós vos dignais baixar,
Eu vos dedicarei, oh beleza imortal!,
Um amor que jamais haverá outro igual.
Vossa honra, podeis crer, não correrá perigo.
E nenhuma desgraça há-de sofrer comigo.
Esses guapos don-juans por quem todas são loucas
São ruidosos no gesto e levianos nas bocas:
Dos êxitos que obtêm dão p'ra se vangloriar;
Alcançando um favor, tratam de o divulgar,
E com língua indiscreta e incrível pretensão
Blasfemam contra o altar de sua adoração.
Mas com homens como eu, amantes quase a medo,
Pode-se alimentar certeza do segredo,
Pois neles a cautela, a abrigar-lhes a fama,
Vale por garantia à pessoa a quem se ama.
É neles que se encontra um afecto mais justo:
O amor que não difama e os prazeres sem susto.

ELMIRA

Escuto-vos, senhor, e toda essa eloquência
Mostra bem como sois, e não vossa aparência.
Acaso não temeis que tal galanteria
Eu conte a meu marido? E ele, então, que diria?
Se tudo que falais a meu marido eu digo
Credes que ele seria o mesmo vosso amigo?

Foi numa excelente tradução do dramaturgo brasileiro Guilherme Figueiredo que apresentámos este trecho do *Tartufo*; e através dessa tradução pudemos apreciar o modelo, o tipo, a fórmula exemplar de uma declaração de amor feita por um patife.

O segundo exemplo, com que preencheremos a nossa emissão de hoje, fomos buscá-lo à comédia *Les Femmes savantes*, representada pela primeira vez

em 1671 e que já foi traduzida em português pelo menos com dois títulos: *A Ciência das Damas*, em finais do século XVIII, por Manuel de Figueiredo, e *As Sabichonas*, já no século XIX, por António Feliciano de Castilho. Nenhuma delas, no entanto, me pareceu aceitável: a de Manuel de Figueiredo, por ser um tanto perra; a de Castilho, por ser demasiado livre. Assim, abalancei-me eu próprio a traduzir o trecho que a seguir se apresenta.

Duas irmãs — Armanda e Henriqueta — têm, como mãe, uma mulher «sábia», toda dada à ciência e à filosofia. Armanda, ela própria «sabichona», em tudo segue as pegadas maternas; Henriqueta, pelo contrário, não voa a semelhantes alturas... E, pior que tudo, pensa casar-se em breve. Eis pois a irmã, no trecho em questão (logo na Cena I do I Acto) a tentar dissuadi-la, em nome da filosofia e da ciência, de tamanha enormidade...

ARMANDA

É preciso a mulher não gostar de ter asas
para se contentar com a lida da casa,
nem mais alto prazer entrever se decide
os filhos aturar, e adorar um marido!
Deixai que as gentes vis, as pessoas grosseiras,
se divirtam assim com essas frioleiras...
Os olhos elevai a mais altos destinos
para saborear um gosto que é divino.
Com desprezo tratai a matéria, os sentidos;
e ao espírito, tão-só, como nós, dai ouvidos.
Tomai, de nossa mãe, as lições exemplares:
como sábia é louvada em todos os lugares...
Tentai, tal como eu, mostrar-vos sua filha,
para aspirar à luz que temos na família
e para bem prezar o prazer, sobretudo,
que no peito derrama o gosto pelo estudo...
Em vez da escravidão que um homem vos traria,
casai-vos, minha irmã, com a filosofia!
Ela só nos eleva além do género humano
e concede à razão o império soberano,
ao subjugar em nós instintos animais
que nos fazem até dos bichos ser iguais...
Ela só nos inspira os doces movimentos
que devem de uma vida ocupar os momentos.

HENRIQUETA

Nós bem vemos que o Céu, com seu alto poder,
para diversos fins nos fabrica ao nascer:
nem toda a gente, enfim, é feita de um veludo
em que possa talhar-se o sábio mais sisudo...
Se voss'alma nasceu com essa elevação
que aos filósofos dá suma contemplação,
a minha, minha irmã, é muito terra-a-terra,
e em coisinhas de nada é que fraca se encerra.
Não turvemos do Céu as justas decisões:
sigamos, cada qual, os nossos corações...
Por isso, habitai vós, com génio e fantasia,
as altas regiões lá da filosofia:
entretanto, ai de mim, à terra confinada,
hei-de no himeneu sentir-me consolada...
De maneiras assim, que bem contrárias vemos,
imitar nossa mãe nós ambas poderemos:
vós do lado da alma e dos desejos nobres;
do dos sentidos, eu, com seus prazer's mais pobres...
Vós, nas tais produções de espírito subtil,
enquanto eu ficarei nas da matéria vil...

ARMANDA

Se acaso em nossa mãe nos queremos moldar,
só o lado melhor havemos de imitar.
Não é em como tosse ou arranja o cabelo
que deveremos nós tomá-la por modelo...

HENRIQUETA

Mas nem vós, minha irmã, teríeis existência,
se a nossa mãe só fosse um poço de ciência...
E haveis de concordar que, sábia, todavia
nem sempre se entregou só à filosofia...
É bom portanto ser até compreensiva
das baixezas às quais deveis o 'stardes viva...
Nem impedis sequer (por mim não vos secundo)
que algum pequeno sábio aspire a vir ao mundo.

Não há dúvida que Armanda pertenceria hoje, em França, ao M.L.F. (ou seja: ao Movimento de Libertação das Mulheres)... Mas é provável que Henriqueta, além de boa dona de casa, exercesse também, e com toda a competência, qualquer profissão bastante evoluída, sabendo igualmente, com a sensatez que a caracteriza, defender os seus direitos... E não se julgue, por este trecho, que Molière estaria, de qualquer modo, contra a cultura das mulheres. Contra o que ele estava (e isto tanto nas mulheres como nos homens) era, isso sim, *contra o pedantismo da cultura.* Assim o mostra, claramente, pela boca do próprio noivo de Henriqueta, através destes oito versos:

Bem pouco me seduz uma mulher de estudo;
mas louvo a que estiver bastante a par de tudo.
Não posso tolerar a presunção, a lábia
de quem se mostra sábia apenas pra ser sábia...
Gosto, sim, de notar, se uma questão lhe cabe,
que ela saiba ignorar mesmo aquilo que sabe;
que de seu estudo, enfim, discreta se apresente
e do saber que tem o não suspeite a gente.